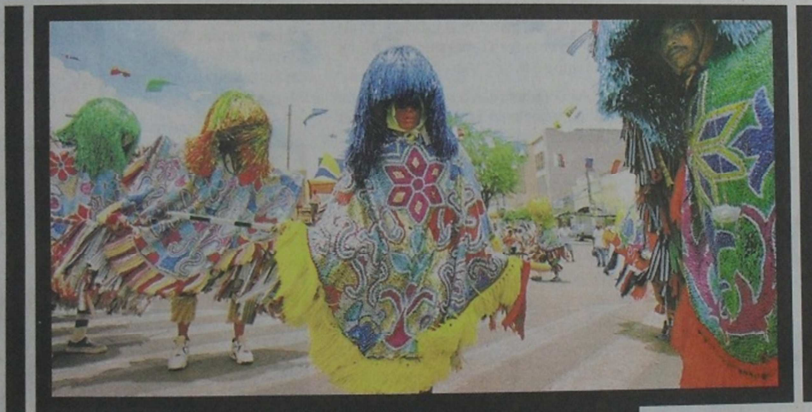


Festa para lembrar luta dos negros brasileiros

Comemorações da Semana de Consciência Negra seguem até domingo



estações de protesto e resistência contra o preconceito racial no País marcam novembro. Nesta data, lembra o assassinato de Zumbi do Quilombo dos Palmares como herói nacional. No Recife, vários grupos estão juntos na realização de eventos voltados à cultura negra. A resistência da cultura negra, o Maracatu Leão Comemorativo da Fundação Nabuco (Fundaj) desde o mês. Completando 140 anos do grupo — que nasceu em São José, mas desde sua sede em Água Fria —, a mesa-redonda de Casa Forte, quando começa uma exposição da agremiação. Os grupos estão se movimentando e desfilando. O desfile de hoje, mas estamos lutando. Afonso Gomes Filho, presidente de bateria do Leão assumiu o posto após Luis de França. Afonso, hoje pela manhã, a de uma oficina de percussão. Além dele, Fabiano Santos e bateria do afoxé Alafin



Jaqueline Maia

tece o festival Perfil Azeviche, no Espaço Criança Esperança (3ª etapa de Rio Doce). Música e dança dividem as atenções do público, com o samba reggae da banda Tambores de Zumbi, a ciranda Cobiçada e grupos olindenses, entre eles o Marinambuco. Também no dia 21, no Pátio de São Pedro, serão exibidos três vídeos sobre o assunto, com destaque para Santa do Maracatu, de Fernando Spencer. A partir das 19h, o público verá o maracatu Leão Coroado e Encanto da Alegria, além de Mestre Salustiano, Alafin Oyó e banda Mar do Cavalo.

DEBATE - No Museu da Abolição, criado para ser Centro de Referência da Cultura Afro-Brasileira, um debate movimentado a quinta-feira, com o tema *O que Significou e Significa a Luta de Zumbi para os Afro-Brasileiros*. A programação acontece das 14h às 21h, e serão oferecidas oficinas de percussão, capoeira e dança. O grupo afro-cubano Obá Eboim, capoeiristas e artesãos também são convidados. O Museu da Abolição funciona à rua Benfica, na Madalena. O Grupo de Apoio aos Negros e à Cultura Afro-Brasileira Zumbis Capoeira também festeja o 20 de novembro, no Casarão do Brega, no Ibra de Baixo. Grupos de pagode, maracatu e o Capoeira Maculelê são as atrações, a partir do meio-dia.

Oyó, ensina o toque de atabaques, abês e outros instrumentos. Também nesta quarta, o professor e folclorista Roberto Benjamim lança, às 18h, no hall do Museu do Homem do Nordeste, o livro *A África Está entre Nós*. Direcionada a alunos do nível médio, a publicação trata da história da África e da influência da cultura negra no Brasil. Na sexta-feira, a Fundaj de Casa Forte continua em festa e recebe os grupos culturais Ori Yabá, às 10h, e Daruê Malungo, às 15h. No sábado, é a vez do Nação Erê e do Tambores



Arcelina Dias/ Divulgação

Maracatu Leão Coroado é homenageado na Fundaj; ao lado, crianças africanas que ilustram livro de Arcelina Dias

do Pilar e, no domingo, mostram seu trabalho o Alafin Oyó e o Obá Nidjê. Outro evento importante é o lançamento do livro *Perdão, África, Perdão!*, da jornalista Arcelina Helena Dias, hoje, às 15h, no Instituto de Pesquisas Sociais da Fundaj, em Apipucos. Segunda obra da autora, o livro faz parte de um projeto de peregrinação, em que ela percorreu, por mais de

cem dias, quatro países africanos: África do Sul, Senegal, Quênia e Angola. Lá, viveu em comunidades pobres, atravessou zonas de guerra e conviveu com crianças portadoras do vírus da Aids. "Retrato a realidade da África pós-apartheid e a riqueza cultural e da espiritualidade destas pessoas sem voz", conta a escritora, que é beneditina e reside no Mosteiro da Anunciação, em Goiás Velho (GO). Arcelina também lança o livro amanhã, às 14h, na Chesf e, às 19h, em na Universidade de Goiana. Em Olinda, na sexta, às 15h, acon-

manifestações de protesto e resistência contra o preconceito racial no País marcam novembro. Nesta data, lembra o assassinato de Zumbi do Quilombo dos Palmares como herói nacional. No Recife, vários grupos estão juntos na realização de eventos voltados à cultura negra. A resistência da cultura negra, o Maracatu Leão Comemorativo da Fundação Nabuco (Fundaj) desde o mês. Completando 140 anos do grupo — que nasceu em São José, mas desde sua sede em Água Fria —, a mesa-redonda de Casa Forte, quando começa uma exposição da agremiação. Os grupos estão se movimentando e desfilando. O desfile de hoje, mas estamos lutando. Afonso Gomes Filho, presidente de bateria do Leão assumiu o posto após Luis de França. Afonso, hoje pela manhã, a de uma oficina de percussão. Além dele, Fabiano Santos e bateria do afoxé Alafin



Arcelina Dias/ Divulgação

Oyó, ensina o toque de atabaques, abês e outros instrumentos. Também nesta quarta, o professor e folclorista Roberto Benjamim lança, às 18h, no hall do Museu do Homem do Nordeste, o livro *A África Está entre Nós*. Direcionada a alunos do nível médio, a publicação trata da história da África e da influência da cultura negra no Brasil. Na sexta-feira, a Fundaj de Casa Forte continua em festa e recebe os grupos culturais Ori Yabá, às 10h, e Daruê Malungo, às 15h. No sábado, é a vez do Nação Erê e do Tambores



do Pilar e, no domingo, mostram seu trabalho o Alafin Oyó e o Obá Nidjê. Outro evento importante é o lançamento do livro *Perdão, África, Perdão!*, da jornalista Arcelina Helena Dias,

Oyó, ensina o toque de atabaques, abês e outros instrumentos.

Também nesta quarta, o professor e folclorista Roberto Benjamim lança, às 18h, no hall do Museu do Homem do Nordeste, o livro *A África Está entre Nós*. Direcionada a alunos do nível médio, a publicação trata da história da África e da influência da cultura negra no Brasil.

Na sexta-feira, a Fundaj de Casa Forte continua em festa e recebe os grupos culturais Ori Yabá, às 10h, e Daruê Malungo, às 15h. No sábado, é a vez do Nação Erê e do Tambores



Arcelina Dias/ Divulgação

Maracatu Leão Coroado é homenageado na Fundaj; ao lado, crianças africanas que ilustram livro de Arcelina Dias

do Pilar e, no domingo, mostram seu trabalho o Alafin Oyó e o Obá Nidjé.

Outro evento importante é o lançamento do livro *Perdão, África, Perdão!*, da jornalista Arcelina Helena Dias,

hoje, às 15h, no Instituto de Pesquisas Sociais da Fundaj, em Apipucas. Segunda obra da autora, o livro faz parte de um projeto de peregrinação, em que ela percorreu, por mais de

cem dias, quatro países africanos: África do Sul, Senegal, Quênia e Angola. Lá, viveu em comunidades pobres, atravessou zonas de guerra e conviveu com crianças portadoras do vírus da Aids. "Retrato a realidade da África pós-apartheid e a riqueza cultural e da espiritualidade destas pessoas sem voz", conta a escritora, que é beneditina e reside no Mosteiro da Anunciação, em Goiás Velho (GO). Arcelina também lança o livro amanhã, às 14h, na Chesf e, às 19h, em na Universidade de Goiana.

Em Olinda, na sexta, às 15h, acon-

tece o festival *Perfil Azeviche*, no Espaço Criança Esperança (3ª etapa de Rio Doce). Música e dança dividem as atenções do público, com o samba reggae da banda Tambores de Zumbi, a ciranda Cobiçada e grupos olindenses, entre eles o Marinambuco.

Também no dia 21, no Pátio de São Pedro, serão exibidos três vídeos sobre o assunto, com destaque para *Santa do Maracatu*, de Fernando Spencer. A partir das 19h, o público verá os maracatus Leão Coroado e Encanto da Alegria, além de Mestre Salustiano, Alafin Oyó e banda Mar do Cavalo.

DEBATE - No Museu da Abolição, criado para ser Centro de Referência da Cultura Afro-Brasileira, um debate movimentado a quinta-feira, com o tema *O que Significou e Significa a Luta de Zumbi para os Afro-Brasileiros*. A programação acontece das 14h às 21h, e serão oferecidas oficinas de percussão, capoeira e dança. O grupo afro-cubano Obá Ebomin, capoeiristas e artesãos também são convidados. O Museu da Abolição funciona à rua Benfica, na Madalena.

O Grupo de Apoio aos Negros e à Cultura Afro-Brasileira Zumbis Capoeira também festeja o 20 de novembro, no Casarão do Brega, no Ibura de Baixo. Grupos de pagode, maracatu e o Capoeira Maculelê são as atrações, a partir do meio-dia.

Lula afirma que País se tornou república branca

Ele acredita que Brasil de hoje é semelhante ao do período colonial

UNIÃO DOS PALMARES E DELMIRO GOUVEIA - Na cerimônia em comemoração ao Dia da Consciência Negra, ontem, em União dos Palmares (AL), o presidente Luiz Inácio Lula da Silva afirmou que o Brasil é uma república branca. Ele creditou a condição de pobreza da maioria dos negros brasileiros à "inércia branca que sempre comandou a vida política nacional".

O presidente discursou no alto da Serra da Barriga, o antigo centro de resistência do Quilombo dos Palmares, destruído em 1694. Cerca de 2.000 pessoas assistiram ao discurso. O governador Ronaldo Lessa (PSB) e o senador Renan Calheiros (PMDB-AL) estavam presentes ao evento.

Mais tarde, em Delmiro Gouveia (AL), o presidente abraçou militantes do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) e voltou a colocar, por instantes, o boné do grupo. Na primeira vez que fez o gesto, em julho, quando recebeu integrantes do MST, em Brasília, Lula foi duramente criticado pela oposição.

Para o presidente, a condição desfavorável dos negros brasileiros



Ricardo Stuckert/PR

Lula participou ontem da comemoração ao Dia da Consciência Negra

Lula prometeu a posse de terra para os quilombolas. Há 363 quilombos em todo o Brasil, mas apenas 36 já estão regularizados. Há 11 milhões de negros no Brasil, diz muito sobre a política nacional.

Lula reconheceu a existência de racismo. "Está na hora de reconhecer uma verdade disfarçada nos séculos: quem pagou a conta da desigualdade são os negros."

Para Lula, uma das causas do racismo é o fato de que os negros não conhecerem como se comportar no mercado de trabalho. "Cinco por cento dos negros se reconhecem como um sintoma mais do que uma realidade. É um homem e um homem em uma sociedade que não tem um homem e um homem a própria história. O presidente, durante o discurso, disse que o Brasil é uma república branca.

Para Lula, o racismo é o fato de que os negros não conhecerem como se comportar no mercado de trabalho. "Cinco por cento dos negros se reconhecem como um sintoma mais do que uma realidade. É um homem e um homem a própria história. O presidente, durante o discurso, disse que o Brasil é uma república branca. Por fim, Lula afirmou que o Brasil é uma república branca e que os negros não têm oportunidades."

UNIÃO DOS PALMARES E DELMIRO GOUVEIA - Na cerimônia em comemoração ao Dia da Consciência Negra, ontem, em União dos Palmares (AL), o presidente Luiz Inácio Lula da Silva afirmou que o Brasil é uma república branca. Ele creditou a condição de pobreza da maioria dos negros brasileiros à "inércia branca que sempre comandou a vida política nacional".

O presidente discursou no alto da Serra da Barriga, o antigo centro de resistência do Quilombo dos Palmares, destruído em 1694. Cerca de 2.000 pessoas assistiram ao discurso. O governador Ronaldo Lessa (PSB) e o senador Renan Calheiros (PMDB-AL) estavam presentes ao evento.

Mais tarde, em Delmiro Gouveia (AL), o presidente abraçou militantes do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) e voltou a colocar, por instantes, o boné do grupo. Na primeira vez que fez o gesto, em julho, quando recebeu integrantes do MST, em Brasília, Lula foi duramente criticado pela oposição.

Para o presidente, a condição desfavorável dos negros brasileiros faz com que o Brasil de hoje guarde semelhanças com o país do período colonial, quando imperava o sistema escravocrata. "No Brasil colonial, havia escravidão porque havia desigualdade; os ho-



Lula participou ontem da comemoração ao Dia da Consciência Negra

mas não eram iguais perante a lei", disse o presidente.

Depois, completou: "No Brasil do século 21, há exclusão porque continua a haver desigualdade. Os homens são iguais perante a lei,

mas não têm oportunidades. Os direitos republicanos são monopólio de uma parte da população como se o Brasil fosse uma república branca, ainda que o seu povo seja negro."